

Seminário sobre “ O homem dos lobos”

Jacques Lacan

Jacques Lacan fez este seminário em 1952. As notas aqui publicadas, inéditos também em francês, provém de um ouvinte e são redigidas por Jacques- Alain Miller.

Transferência e verdade

No ano passado estudamos o caso Dora. Este estudo nos permitiu recolher novos pontos de vista quanto à transferência , que resumirei assim: a transferência é ligada às antecipações subjetivas do analista , enquanto a contratransferência pode ser considerada como o conjunto dos preconceitos do analista .

Este ano enfreamos um outro caso de Freud , aquele do homem dos lobos . É necessário que tentamos ver o que este texto significa e qual sua contribuição.

Qual o personagem que chamamos o homem dos lobos? Uma parte do seu drama refere-se à sua inserção social, que é, por assim dizer, uma não inserção.

É importante observar que, muito precocemente ele foi separado de tudo aquilo que poderia constituir um modelo no plano social. Toda a sequência da sua história deve situar-se nesse contexto. Esse personagem apresenta um certo distúrbio neurótico, que foi definido como estado maníaco-depressivo-antes que Freud o visse, e Freud não adota esta classificação nasográfica. Segundo ele, o estado que o homem dos lobos apresenta deve ser considerado como a sequência da cura espontânea de uma neurose obsessiva. É oportuno ainda precisar que, depois da análise com Freud, o sujeito apresenta um comportamento psicótico.

Freud, pois, publicou esse caso como a história de uma neurose infantil, neurose de infância que teve manifestações diferentes e variadas na sua estrutura. Em torno de

que está centrada sua observação? Na verdade ela se concentra na pesquisa detalhada, apaixonada e se assim se pode dizer, contra os próprios fatos da existência ou não de acontecimentos traumáticos na primeira infância.

As idéias de Freud sobre acontecimentos traumáticos da primeira infância derivam do seu campo de experiência e, nos seus escritos, sempre insiste na dificuldade que encontra em mantê-los. Com efeito, no interior de seu próprio grupo, não faltam tentativas de diminuir a importância, de torná-las mais aceitáveis ao senso comum. Daí nasceram as primeiras cisões de Jung e Adler. Mas, mesmo antes do desvio Jungiano, desde o início de suas pesquisas sobre histeria, as histórias de sedução ou de estupro se revelavam com demasiada regularidade seguramente fantasística para não serem atacadas, se bem que, verdadeiramente não se constituísse numa objeção totalmente válida contra a realidade desses acontecimentos traumáticos.

Uma objeção mais forte diz respeito ao caráter estereotipado da cena primária. Trata-se sempre de um coitus a tergo. Nisso há algo de muito problemático. Algo real, não se trataria talvez de um esquema, de uma imagem filogmética, que retorna na reminiscência imaginária? A esse propósito, ver o quinto capítulo.

É nesse ponto que convém lembrar aquilo que é essencial em uma análise, o fato que o sujeito não seja dissuadido da realização plena e completa daquilo que devemos chamar a sua história. O que é uma análise, se não aquilo que deve permitir ao sujeito assumir plenamente aquela que é sua própria história?

Ora justamente na análise do homem dos lobos Freud jamais pôde obter no sentido estrito a lembrança da realidade, no passado, da cena – aquela cena em torno da qual não obstante se desenvolve toda a análise.

Para orientar-se nessa discussão é necessário fazer uma distinção sobre o que é um acontecimento. A realidade do acontecimento é uma coisa, mas não é tudo. Há algo mais: a historicidade do acontecimento.

Do que se trata? De qualquer coisa flexível e decisiva que provocou uma impressão no sujeito e que dominou e que se mostra necessária para explicar a sequência do seu comportamento. E é isto que estabelece a importância essencial da discussão sobre o fato traumático inicial, pela qual Freud se deixa levar.

Este acontecimento não é portanto objeto de uma lembrança do sujeito. Muito indiretamente é reconstruído a partir do sonho dos lobos. E é Freud que ensina o sujeito a lê-lo.

Este sonho se traduz como um delírio. Para traduzi-lo basta invertê-lo. Os lobos me olham imóveis. Eu vejo uma cena muito angustiante. Pode-se acrescentar: Estes lobos têm belas caudas. Olhe a minha! A leitura do sonho leva à cena reconstruída, que em seguida é assumida pelo sujeito.

A propósito da interpretação, note-se a atenção de Freud sobre o trabalho do sonho. Para ele, o significado de um sonho se lê no trabalho de elaboração de transformação.

Uma vez reconstruído, o acontecimento traumático permite compreender tudo aquilo que acontecem depois, e tudo aquilo que compõe a história do sujeito.

A esse propósito não é demais perguntar-se: o que é a história? A história é uma dimensão propriamente humana?

Respondo: a história é da ordem da verdade. É uma verdade que tem essa propriedade: o sujeito que a assume depende dela para sua própria constituição. E reciprocamente, esta história depende também do próprio sujeito, enquanto a pensa e a repensa ao seu modo.

3

Agora perguntemo-nos o que é a experiência psicanalítica a respeito dessa verdade. Uma psicanálise não é completa senão quando o analisando é capaz de ter plena consciência de si?

Aquilo que a experiência de Freud exige é exatamente isto: que o sujeito que fala realize em um certo âmbito, que é o das relações simbólicas, uma integração difícil – aquela da sua sexualidade. Sua sexualidade é uma realidade que, em parte, passa despercebida, na medida em que há falhas na simbolização humana de certas relações simbólicas.

Essa integração deve ser cumprida na experiência enquanto esta acontece, para o sujeito, sobre o plano daquilo que chamamos a sua verdade, ou seja, enquanto é uma experiência em primeira pessoa, por assim dizer.

O que há em relação ao homem dos lobos? Por que as sessões não lhe trazem nada por meses e anos? O fato é que se trata de um sujeito, propriamente falando, isolado em

razão de sua posição de riqueza, de um sujeito cujo eu é um forte, como, por outro lado, o é cada eu [...] no outro.

Tenho falado da integração simbólica da sexualidade. Com efeito a sexualidade humana requer a intervenção de um aspecto propriamente cultural, pelo fato de que é em relação ao pai que o sujeito deve situar-se. Para fazer isso o homem dos lobos passa pela fobia. Isto é, pela intervenção dos animais. Compreendemos bem o que significa isso no momento em que Freud a propósito traz o tolemesino. Isto significa que o drama de Édipo, que é drama do assassinato do pai, passa através das relações simbólicas.

Trata-se de sublimação, diz-se. Mas, o que é a sublimação, senão a socialização dos instintos?

É transferência. Certo, mas o que é a transferência?

Digamos que é a exclusão, fora da consciência, de uma certa [...] relação, que, não obstante, continua a dominar o sujeito. Uma situação excluída da consciência se encontra, pela transferência, dotada de uma força de atração que lhe é própria, que provoca o cerco e o desconhecimento a nível do sistema consciente subjetivo. Tudo aquilo que é ligado a esta situação tende a unir-se com a massa do transferido. É isto que constitui o sistema do inconsciente, no qual há uma inércia própria e contínua a atrair para essa espera de amnésia tudo aquilo que é conexo. É isto que obstaculiza a realização do sujeito – como, por exemplo, tendo vivido tal situação edípica.

6

Ora tudo isto, em um sujeito neurótico, coloca-se muito seletivamente em torno da relação com o pai e com a mãe, ou seja, em torno do complexo de Édipo. Resta o fato de que, associado às incidências na gênese da neurose, o complexo de Édipo tem ainda uma função normativa .

Tradução de: Fernanda Gonçalves e Olga Mercury

Revisão da tradução: Véra Motta

